

LUCIE WHITEHOUSE

ANTES DE TE
CONHECER

TRADUÇÃO DE
ANA LOURENÇO



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2017

CAPÍTULO UM

Chovia a cântaros, e ali, onde a faixa de rodagem estava exposta, o vento fustigava o velho VW de Hannah como se estivesse a tentar empurrá-lo para fora da estrada. Normalmente, quando ia a Heathrow, via os aviões descerem para o aeroporto um após outro, apenas com um minuto entre eles, mas esta noite o ritmo estava mais lento e passaram dois minutos, depois três, até um novo conjunto de luzes atravessar as nuvens. Ela apertou mais o volante, verificou o espelho retrovisor e passou para a faixa mais rápida.

O Holiday Inn surgiu à esquerda, um retângulo feio de betão recortado contra o céu, a luz do seu sinal de néon verde a tingir o ar molhado. Ela tomou a saída para o Terminal 3, e o formigueiro que sentia no estômago intensificou-se. Embora já estivessem casados, a viagem para o aeroporto ainda era emocionante. Não é que fosse necessário ela vir ao encontro dele; na verdade, seria provavelmente mais rápido se Mark apanhasse um táxi para a cidade, especialmente numa noite como aquela, mas a viagem, as chegadas, o amontoado de gente junto à barreira metálica — tudo isso lhe lembrava o tempo antes de casarem, quando JFK e Heathrow eram os polos em torno dos quais muitos dos seus fins de semana giravam.

Como de costume, os dois primeiros níveis do parque de estacionamento estavam cheios. Com relutância, ela subiu a rampa até ao nível três e encontrou um local junto às máquinas de bilhetes.

Depois de uma rápida olhadela ao espelho, saiu do carro e dirigiu-se para os elevadores.

A zona das chegadas estava bastante movimentada, mesmo para uma sexta-feira à noite. Sob o teto baixo, com os rostos aclarados pelas luzes cruas, centenas de pessoas aguardavam. Além das filas de três ou quatro pessoas diante da barreira, havia aglomerados no centro e junto dos pequenos concessionários: o típico sortido de motoristas com nomes nos cartões, um grupo de jovens com mochilas em calções e *t-shirts* que iriam praguejar assim que saíssem do aeroporto, e uma família inteira, vinte e cinco ou trinta pessoas, todas com o tradicional traje africano, uma explosão de cores e padrões.

Hannah abriu caminho até aos monitores suspensos, onde viu que o avião de Mark tinha acabado de aterrar. Passariam quinze ou vinte minutos antes de ele sair, pelo que comprou uma sanduíche no pequeno Marks and Spencer e sentou-se num dos bancos do outro lado do átrio. Algumas horas antes, fora à mercearia comprar uma baguete e uma fatia de bom *roquefort*, que, com um copo de vinho, era só o que Mark costumava querer à noite depois de um voo, mas estava com demasiada fome para esperar até lá. Não comera nada desde o almoço: a entrevista com a AVT naquela tarde tinha acabado muito mais tarde do que ela esperara, e já passava das sete quando saíra do metro em Parsons Green.

Do banco viu as portas automáticas libertarem um fluxo irregular de pessoas. No monitor havia uma longa lista de voos com atrasos substanciais. Os passageiros que saíam naquele momento estavam no avião que viera de Freetown, adivinhou ela, dois antes do de Mark; tinham chegado com hora e meia de atraso. Viu um homem magro, profundamente bronzeado, de calças de ganga e camisa de cáqui emergir e começar a pesquisar a multidão. Atrás da barreira, uma jovem abriu caminho para a frente, com a alegria estampada no rosto, e correu para os seus braços, dando-lhe um beijo que provocou um som de desaprovação de um homem idoso

sentado mais afastado no banco. Hannah sentiu outro aperto na boca do estômago. *Vá lá, Mark.*

Lembrava-se de esperar por ele do outro lado do Atlântico, antes de voltar a mudar-se para Londres. O Terminal 7 no JFK, usado pela American Airlines, era espartano; nada de cafés nem de lojas para matar o tempo, apenas uma banca de jornais, um pequeno bar e algumas filas de cadeiras de plástico rígido. Ela costumava levar o portátil para o caso de ele estar atrasado, mas era impossível trabalhar pois a sua cabeça levantava-se de cada vez que alguém saía pela barreira. Ela nunca queria perder o momento em que Mark a via e o sorriso se espalhava pelo seu rosto. Das primeiras vezes, o sorriso dera lugar a um cómico esgar exagerado, como se ele estivesse a tentar encobrir o seu embaraço por se ter revelado, mas isso em breve parou e estabeleceu-se uma sequência regular de acontecimentos: ele apertava-a até ela ter medo de que ele lhe partisse as costelas, depois apanhavam um táxi e iam direitos ao apartamento e à cama dela. Depois, vestiam-se novamente e iam a pé até ao Westville na 10th Street comer cachorros-quentes.

As portas estavam agora a abrir-se com mais regularidade, libertando um fluxo mais constante de pessoas. Várias vozes tinham sotaque americano, o que sugeria que haviam estado no voo de Mark; os voos antes e depois tinham vindo do Egito e de Marrocos. Ela levantou-se e aproximou-se. Viu alguns homens de fato com tróleys; dois casais; uma família a equilibrar uma precária torre de bagagem num carrinho cujas rodas da frente não queriam colaborar. Descobrimo rapidamente o pai, uma criança soltou-se da mão da mãe e foi direita a ele nas suas perninhas gordas, provocando risos entre a multidão.

Após vinte e cinco minutos, Hannah sabia que devia haver algum tipo de atraso. Mark era quase sempre um dos primeiros passageiros a sair de um voo, e só tinha levado a pequena mala de couro como bagagem de mão. Talvez tivesse deixado alguma coisa no avião e voltado para a ir buscar ou talvez tivesse ficado retido num controlo casual de passageiros. Ela subiu a manga e

olhou para o relógio, o *Rotary* que a mãe lhe dera quando entrara na universidade. Dez e cinco. Procurou o número de Mark no *BlackBerry*, depois mudou de ideias: ligar-lhe iria estragar a surpresa. Iria esperar mais dez minutos e, em seguida, telefonar-lhe, se tivesse de ser.

Às dez e um quarto, no entanto, os sotaques americanos tinham-se esgotado e a maior parte das pessoas que saíam falavam umas com as outras num espanhol rápido. A outra pessoa que estava à espera desde que ela chegara era um homem na casa dos cinquenta com um *blazer* azul-escuro e calças beges, e até a filha dele apareceu. Hannah perguntou-se se por acaso teria confundido os horários, mas não, tinha a certeza de que Mark dissera sexta-feira, à mesma hora.

Marcou o número dele. A chamada foi logo para o *voice mail* e ela desligou sem deixar recado. Não era normal ele perder um voo, mas não podia excluir essa hipótese. Talvez o tivesse perdido e tentado arranjar um mais tarde. Já o fizera antes, ao voltar para Nova Iorque de Toronto.

Consultou novamente os monitores. O voo dele já nem aparecia. Descendo a lista, viu mais dois voos de Nova Iorque; um tinha acabado de pousar, o outro chegaria em breve. Talvez ele estivesse num desses. Se assim fosse, telefonaria ou enviaria um SMS assim que pudesse ligar o telemóvel.

A multidão já tinha diminuído e Hannah conseguiu um lugar na barreira em frente às portas — «o posto de ouro», chamava-lhe Mark. Verificando o telemóvel a cada dois minutos, ela esperou até às onze e dez, quase mais uma hora. Quando o último americano da segunda leva saiu pela porta, ela telefonou para ele e obteve novamente o *voice mail*.

Começou a sentir-se alarmada. Se ele estava num voo diferente, porque não tinha telefonado? E se alguma coisa acontecera ao avião? Ligou mais uma vez, depois abdicou do seu lugar na barreira e dirigiu-se à saída de emergência. Os balcões de informação das companhias aéreas ficavam nas partidas e atravessar o espaço

aberto entre os dois edifícios era muito mais rápido do que arrastar-se através da rede de túneis e escadas rolantes.

O vento soprava com força lá fora, empurrando a chuva em rajadas como cardumes de peixes pequenos que se elevavam por um momento, descendo em seguida contra o chão. A pesada porta foi-lhe arrancada da mão e fechou-se atrás dela. No céu, outro avião abria caminho através das nuvens, os seus motores a encherem o ar com um ribombar angustiante. Hannah baixou a cabeça e correu.

Foi um trajeto de trinta segundos, no máximo, mas quando entrou estava a afastar o cabelo molhado do rosto. Comparadas com as chegadas, as partidas no Terminal 3 eram a imagem da modernidade bem iluminada, com um pé-direito alto, mas quando ela encontrou o balcão da American, a companhia aérea que Mark geralmente usava, a mulher atrás dele estava a vestir o casaco.

— Já desliguei o computador — disse ela, sem olhar para cima.

— Só quero saber se o meu marido estava num voo esta noite.

— Oh. — A mulher olhou para cima, o seu rosto a animar-se.

— Bem, não podia ter-lhe dito isso, de qualquer maneira. Proteção de dados, sabe?

Hannah sentiu a habitual irritação em relação à burocracia.

— A sério? Ele é meu marido.

— Desculpe. — A mulher encolheu os ombros, parecendo satisfeita com a oportunidade de exercer o seu poder, e a irritação da Hannah centrou-se nela. Trabalhar tão perto das lojas *duty-free* não era desculpa para usar tanta maquilhagem. Quantos anos tinha ela sob aquela máscara de base?

— Olhe — disse Hannah, pousando as mãos no balcão —, só preciso de saber que o meu marido está em segurança. Pode pelo menos dizer-me se houve algum problema com um dos voos de Nova Iorque esta noite?

A mulher suspirou.

— Nada do género — respondeu ela. — Houve atrasos por causa do vento, mas mais nada.

— Graças a Deus.

De novo no meio do átrio de chegadas, Hannah perguntou-se para onde se devia dirigir. Tentou telefonar novamente a Mark. Nada. Desta vez, deixou recado. «Olá, sou eu. Estou em Heathrow... e tu? Vim buscar-te, mas acho que não estás aqui. Se estiveres, liga-me.» Hesitou. «Espero que esteja tudo bem. Liga-me assim que receberes isto; estou preocupada contigo.» Riu um pouco, para lhe dizer que sabia que estava a ser ridícula: Mark era a última pessoa a meter-se numa confusão, por isso, se os aviões estivessem a salvo, ele também estaria.

Desligando, perguntou-se a quem poderia ligar. Neesha, a assistente dele? Não: eram quase onze e meia. E se Neesha soubesse que havia um problema, tê-la-ia contactado. O mesmo valia para David, o sócio. Mark não tinha ido aos Estados Unidos em serviço, portanto não havia ninguém com quem verificar. Se não tivesse notícias dele nessa noite, teria de esperar até de manhã antes de poder começar a fazer telefonemas.

Já no parque de estacionamento de curta duração, foi por pouco que conseguiu refrear-se de dar um pontapé na máquina dos bilhetes.

— Doze libras por duas malditas horas? — A sua voz ecoou nas paredes do espaço.

A M4 para Londres também ficara vazia, e os candeeiros lançavam focos isolados de luz na faixa de rodagem à sua frente. Na secção elevada da estrada acima de Brentford, ela olhou para os escritórios vazios até segunda-feira, vendo as formas fantasmagóricas de mesas e cadeiras e computadores, e teve a repentina ideia alarmante de que estava a olhar para uma visão da sua própria carreira — distante, a desvanecer-se e trancada atrás de vidro que lhe permitia vê-la, mas já não alcançá-la.

Quando desceu Quarrendon Street, o que restava da sua esperança desapareceu. Se Mark chegava a casa antes dela, havia luzes

acesas em cada janela, mas naquela noite a casa estava tão escura como a deixara.

Lynda, a mulher a dias dele — *de ambos* —, estivera em casa e o ar cheirava bastante a óleo de cedro. Na cozinha, Hannah tirou uma garrafa de vinho da garrafeira, encheu um copo, depois sentou-se ao computador e verificou os *e-mails*. De vez em quando, o seu *BlackBerry* tinha fases em que não recebia mensagens novas durante horas e, depois, entravam várias de seguida. Isso não estava a acontecer naquele momento: o último *e-mail* no telemóvel e no computador era o do seu irmão a perguntar como corra a entrevista.

Começou a escrever uma nova mensagem a Mark.

Olá, desaparecido em combate, escreveu. Parto do princípio de que ainda estás no avião ou que alguma coisa aconteceu ao teu telefone, portanto tento contactar-te por e-mail. Diz-me o que se passa. Sinto a tua falta aqui em Quarrendon Street. A casa, e a cama, estão vazias sem ti...

Bebeu um gole de vinho — delicioso: o conceito de vinho para todos os dias do marido pertencia a uma categoria diferente da dela —, então levantou-se e levou o copo pelas portas envidraçadas que se abriam para o pequeno pátio pavimentado atrás da casa. Quando protegeu os olhos para bloquear a luz de dentro, viu as lajes de pedra e, depois, ao fundo, os arbustos e as cerejeiras ornamentais. O vento tinha causado estragos. Uma das cadeiras de madeira atravessara o quintal e estava em cima da manjedoura de pedra onde ela cultivara tomates durante o verão, e o chão estava coberto de folhas e galhos. Um verdadeiro caos; se a chuva parasse, ela limparia tudo no dia seguinte.

Lá em cima, um avião seguiu em direção a Heathrow, ora visível através de uma abertura nas nuvens, ora novamente oculto. Mark provavelmente ainda estava no ar, disse Hannah a si mesma, e iria acordar dali a algumas horas a vê-lo a enfiar-se na cama ao seu lado, e teria um ataque cardíaco ao pensar que ele era um ladrão.

Virou-se para a cozinha e parou. De vez em quando, ainda tinha momentos como aquele, em que o tamanho da casa a

deixava sem palavras. Ficara atordoada quando Mark lhe dissera que a tinha comprado antes dos trinta; as duas casas na rua que se tinham vendido desde que ela se mudara para ali haviam atingido um preço de mais de dois milhões de libras.

— Mas isso é agora — dissera ele. — Tenho-a há doze anos, muito antes do *boom*, e estava em ruínas quando a comprei. Perencia a um velho casal que não tinha feito obras desde os anos sessenta e tive de a esventrar: nova instalação elétrica, nova canalização, tudo.

— Mesmo assim...

Ele encolhera os ombros.

— Tive sorte... os negócios corriam bem e o preço era o certo. Foi um bom investimento.

Levara algum tempo a habituar-se à ideia de que aquela era a sua cozinha. Tinha adorado a do apartamento de Nova Iorque, com os tijolos originais da parede à vista e eletrodomésticos industriais mas, vista à luz fria da realidade, não passara de um corredor de dois metros. Para cozinhar, tinha de disputar uma espécie de *Tetris* para arranjar lugar para pratos, facas e tábuas de cortar na minúscula bancada, em cima do fogão, nos bancos. Aquela assoalhada era cerca de dez vezes maior. No caso improvável de querer cozinhar para trinta pessoas, poderia fazê-lo ali, sem nunca ficar sem espaço de manobra.

Tudo era grande — *tudo*; se não fosse tão elegante, teria parecido ostensivo. A parede da cozinha original fora deitada abaixo para ampliar a largura em cerca de dois metros, para além dos seis iniciais. O teto era alto, a parte mais próxima coberta com enormes painéis de vidro para aumentar a luminosidade do aposento, e o chão fora coberto com lajes de ardósia galesa com aquecimento por baixo para o inverno. Havia bancadas de aço, um fogão industrial e, na parte de trás, junto à porta da sala de estar, um frigorífico americano.

— Não consegui voltar a ter um pequeno — dissera Mark. — O frigorífico que tinha no meu apartamento em Tribeca parecia

um guarda-fatos... fiquei incapaz de ter qualquer coisa mais pequena.

— És uma criança mimada.

— Não o nego. — Ele sorri para ela, a pele nos cantos dos olhos a franzir-se.

Sentindo uma onda de desejo por ele, Hannah voltou para o seu portátil e procurou novamente qualquer notícia relativa a voos de Nova Iorque, não apenas no JFK, mas também em Newark e LaGuardia. Nada. Estava a ser neurótica, disse a si mesma, a preocupar-se sem razão. Havia uma explicação simples e ele estaria em casa no dia seguinte. Tudo estava bem.